26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

MEMÓRIA, IDENTIDADE E INSTITUIÇÃO: O LEGADO DE JULIETA CARTEADO

MEMORY, IDENTITY AND INSTITUTION: *THE LEGACY OF JULIETA CARTEADO*

Paulo Fabrício dos Reis Silva – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)/ Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Leyde Klebia Rodrigues da Silva – Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A memória e a identidade constituem elementos fundamentais para a compreensão das trajetórias institucionais, servindo como base para a preservação de legados que orientam o presente e o futuro. No contexto da Universidade Estadual de Feira de Santana, a história de Julieta Carteado, mulher negra e primeira bibliotecária concursada da instituição, destaca-se como um marco essencial na construção da memória acadêmica regional. Este trabalho objetiva investigar as contribuições de Julieta Carteado para a consolidação da identidade institucional do Sistema de Bibliotecas e para o fortalecimento da memória da universidade. Para tanto, a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva, empregando entrevistas semiestruturadas com bibliotecárias de diferentes gerações e observação direta, cujos dados foram examinados por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelam que a bibliotecária exerceu um papel protagonista desde a fundação da universidade, participando da administração superior e de conselhos estratégicos. Sua visão vanguardista permitiu a integração de atividades artísticas e literárias na biblioteca, promovendo a extensão universitária e a aproximação com a comunidade externa. Além disso, sua trajetória em cargos de gestão representa um símbolo de resistência e representatividade negra frente aos desafios sociais da época. As considerações finais reforçam que a criação de um memorial dedicado à sua trajetória é uma medida de justiça histórica, combatendo o esquecimento e garantindo a salvaguarda de um patrimônio simbólico. O legado de Julieta permanece como um guia ético, reafirmando o papel transformador das bibliotecas na sociedade.
Palavras-chave: Julieta Carteado; memória institucional; identidade institucional; bibliotecas universitárias; Universidade Estadual de Feira de Santana.

Abstract: Memory and identity are fundamental elements for understanding institutional trajectories, providing the foundation for preserving legacies that shape both present and

future developments. Within the context of the State University of Feira de Santana (UEFS), the history of Julieta Carteado - a Black woman and the institution's first librarian appointed through a public civil service examination - stands out as a landmark in the construction of regional academic memory. This study aims to investigate Julieta Carteado's contributions to the consolidation of the institutional identity of the University Library System and to the strengthening of the university's collective memory. To achieve this objective, a qualitative and descriptive research design was adopted, employing semi-structured interviews with librarians from different generations and direct observation. The collected data were examined through content analysis. The findings reveal that Carteado played a leading role from the university's inception, participating in senior administration and serving on strategic decision-making councils. Her forward-looking vision fostered the integration of artistic and literary activities into library services, promoting university outreach and strengthening engagement with the broader community. Furthermore, her trajectory in leadership positions represents a powerful symbol of Black resistance and representation in the face of the social challenges of her time. The study concludes that the establishment of a memorial dedicated to her life and work constitutes an act of historical justice, helping to counter institutional forgetting while safeguarding an important symbolic heritage. Julieta Carteado's legacy endures as an ethical guide, reaffirming the transformative role of libraries in society.
Keywords: Julieta Carteado; institutional memory; institutional identity; university libraries; State University of Feira de Santana.

1 INTRODUÇÃO

Fator essencial para construção e consolidação de identidades, a memória, de modo geral, permite-nos entender a nossa história, a trajetória percorrida e o caminho a seguir. Um povo sem memória é um povo sem referencial. É como se partíssemos do zero, sem entender como chegamos, sem refletir sobre o processo e sem reverenciar ou questionar os que nos antecederam e seus feitos. Indivíduos, comunidades, sociedades, instituições, enfim, todos necessitam partir do pressuposto da gênese, entender como a história transcorreu, e analisar os diversos pontos de vista, tentando perceber as camadas das narrativas que nos contam.

Não seria possível refletir sobre a história sem considerar a memória, sem compreender que somos memória, que carregamos junto conosco as vivências, as ações, os feitos, as marcas do nosso tempo e dos que nos antecederam, e colaboramos para a consolidação da história, gerando elementos para a materialização da memória. Somos, como bem nos conduz Julieta Carteado, aqueles que fazem acontecer, que erram e acertam, que produzem e contribuem para o mundo girar e, em consequência de tudo que realizamos, contribuímos para a história, gerando combustível para o exercício da memória.

Julieta Carteado Monteiro Lopes (1927-1994) foi uma mulher negra, bibliotecária, escritora e artista plástica, primeira servidora concursada (bibliotecária) da Universidade

Estadual de Feira de Santana (UEFS). Nascida em Ilhéus, Bahia, em 12 de setembro de 1927, ela pertencia a uma linhagem familiar de grande protagonismo negro; era sobrinha-neta de Manuel da Mota Monteiro Lopes, o primeiro deputado federal negro eleito no Brasil.

Nesse sentido, a investigação proposta tem como campo a Biblioteca Central Julieta Carteado, situada na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que dedica uma seção para a memória institucional e, em 2019, criou e inaugurou o Memorial Julieta Carteado Monteiro Lopes, em homenagem à primeira bibliotecária da universidade, que também foi a primeira diretora da biblioteca da instituição.

Partimos do pressuposto que a o protagonismo da Bibliotecária Julieta Carteado para o Sistema de Bibliotecas (SISBI) e para a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) são profundas e multifacetadas, abrangendo desde a estruturação técnica inicial até o estabelecimento de uma cultura de resistência e integração cultural.

Para isso, a questão de pesquisa que nos norteou foi: como o protagonismo da Bibliotecária Julieta Carteado Monteiro Lopes contribuíram para a consolidação da identidade institucional do Sistema de Bibliotecas da UEFS, impactando no fortalecimento da memória institucional da própria UEFS?

E, para responder esse questionamento, formulamos o seguinte objetivo geral: Investigar as contribuições de Julieta Carteado para a consolidação da identidade institucional do Sistema de Bibliotecas e para o fortalecimento da memória da universidade.

Uma abordagem como essa, com foco na relação memória e biblioteca, instiga a reflexão acerca da importância desses espaços para a salvaguarda da memória, principalmente institucional. Nesse aspecto, o reconhecimento das contribuições de uma bibliotecária, na confluência e afirmação de determinada identidade institucional, compreende uma importante contribuição para a área da Ciência da Informação, principalmente por percebermos a emergência, o fortalecimento e ampliação dos estudos sobre memória na área.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico foi construído a partir da tríade: "Memória, Identidade e Instituição", e discute como a memória é um fator essencial para a construção de identidades e para a compreensão das trajetórias institucionais. Para isso foi estruturado em duas partes: “Memória e Identidade” aborda a relação umbilical entre quem somos e o que lembramos e

"Memória Institucional" discorre sobre a memória dentro das organizações, vista como a "alma" da instituição. A seção estabelece que a memória institucional da UEFS não depende apenas de registros burocráticos, mas da preservação ativa das trajetórias dos sujeitos que a construíram, como Julieta Carteado, transformando vestígios materiais em patrimônio simbólico.

2.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Os conceitos de Memória e de Identidade estão profundamente imbricados ao passo que os esmiuçamos; especificamente, ao tratarmos a concepção de identidade enquanto aquilo que reflete o que caracteriza uma pessoa ou um grupo. Tal compreensão é adequadamente sustentada pelo entrelace da perspectiva e definição de identidade enquanto representação. Decerto que, em gênese, o termo identidade remete ao indivíduo e não se apresenta comumente relacionada a um grupo. Porém, nesse aspecto, é importante salientar que "não existe memória individual sem uma memória mais ampla e coletiva – que lhe sirva de marco e referência. A memória social torna-se também memória individual" (Murguia, 2010, p. 8). E essas memórias se fundem, nos permitindo efetivamente entendermos quem somos e de onde viemos, nos conectando com o passado e corroborando para uma recuperação mais assertiva.

De acordo com Eduardo Ismael Murguia (2010, p. 8), "toda memória, oficial ou não, precisa de um enquadramento, de uma organização para que possa vir a ser um elemento importante na formação de identidades". Memória individual e coletiva (ou grupal) são indissociáveis, pois uma depende da outra para se constituir. Resumidamente, a memória individual diz respeito às "lembranças, conexões dos fatos com a própria vivência dos membros em suas comunidades" e a memória coletiva se refere ao "conjunto de acontecimentos de um grupo, limitado no espaço e no tempo" (Ribeiro, 2010, p. 41). Essas vivências acumuladas refletem o que chamamos identidade, que se conformam a partir dos valores e tradições que dela subjazem, e que se perpetuam à medida que são transmitidas repetidamente ao longo do tempo.

Conforme Martins (2008, p. 28), "[...] a memória e a identidade estabelecem uma encruzilhada em que as diversas perspectivas do senso comum e do conhecimento científico se encontram". De acordo com o autor, as mais diversas áreas do conhecimento, como a História, a Literatura, a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia e diversas outras mais, "[...]

concorrem, umas e outras, para que se constitua um feixe de fatores em cuja intersecção se reconhece o sujeito".

A memória pressupõe, decerto, a relação da história e seus sujeitos, os atores no processo da construção das narrativas ao longo do tempo; que convergem no nosso entendimento de lembrança e esquecimento, nos oportunizando refletir o presente de maneira mais crítica. Ou seja, "[...] se valorizamos também a dimensão criadora do tempo, podemos atribuir uma função positiva ao esquecimento, concebendo as perdas enquanto indispensáveis à transformação da memória" (Gondar, 2016, p. 27). Nesse sentido, conforme Ecléa Bosi (2004), é importante compreender que:

> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. […] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (Bosi, 2004, p. 55).

Ou seja, mantém-se a ideia de que a lembrança se materializa na representação do que foi, a partir de pontos de vista e de percepções do vivido. Ademais, essa recuperação corrobora para o estabelecimento das construções culturais e político-sociais, e, sem dúvidas, para a compreensão das identidades que assumimos ao longo da vida, individual e coletivamente. Considerando o contexto institucional, a memória se configura com semelhante intensidade e, inevitavelmente, com base em pressupostos da cultura organizacional, através de um repertório específico, a instituição se consolida, e, do mesmo modo, estabelece identificação com seus membros.

2.2 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

As instituições compõem características culturais e políticas, de acordo com os pensamentos que fundam as sociedades, incorporando, em geral, hábitos, usos, costumes e comportamentos. Além disso, as instituições refletem a missão que se propõem, os interesses de quem as gerenciam e tudo aquilo que instituem. Porém, elas também carregam as histórias das pessoas que colaboraram para compor sua essência ao longo de sua existência. E essas histórias singulares, das pessoas que vieram antes e abriram os caminhos, em um movimento circular, influencia na própria imagem da instituição e na postura dos que chegaram depois. "Todo esse percurso nas esferas da vida social tem deixado vestígios das mais variadas ordens. Visíveis ou invisíveis, os produtos da experiência do homem em sociedade também constituem legados/ memórias" (Thiesen, 2013, p. 27).

Para refletir sobre o fenômeno da memória no contexto institucional, se faz necessário compreender o que vem a ser uma instituição e seus pressupostos. Conforme Icléia Thiesen (2013, p. 29-30), "[...] as instituições são tomadas como formas fundamentais de saber-poder, que emergem no seio das sociedades e possuem duas faces simétricas: lembrar e esquecer". Ainda a partir de sua perspectiva, entende-se que a memória decorre de determinados discursos e se conecta a critérios de verdade vigentes, socialmente difundidos e perpetrados. Nesse aspecto:

> É preciso descrever essa racionalização presente nas instituições e observar como ela opera tanto no comportamento dos indivíduos como no conjunto das instituições que formam a sociedade. Isto porque as instituições retêm e esquecem, num processo de racionalização (Thiesen, 2013, p. 29-30).

Ela ainda nos alerta sobre a necessidade de "[...] desnaturalizar os fenômenos sociais e a própria noção de memória, inúmeras vezes entendida como mera volta ao passado, num movimento de 'resgate' daquilo que ficou retido do passado no presente: heranças, persistências, legados" (Thiesen, 2013, p. 33-34).

Esse pensamento nos encaminha para compreender que não existe um resgate da memória, mas uma reconstrução, e os elementos memoriais, que aqui chamamos de dados, em determinado aspecto, dão o suporte para a consolidação da memória construída, que se equaliza no presente, intensificando a ideia de formação e afirmação de identidades.

O conceito de memória institucional se funda e constitui na identificação de elementos conceituais que emergem do processo de institucionalização das relações sociais. Essas relações entre indivíduos e instituições se impõem essenciais para o processo de formação social e política, de afirmação e reafirmação de identidades, de posicionamento frente às mais diversas questões que nos impulsionam para o exercício da cidadania.

Nesse sentido, "[...] as instituições em si não possuem memória, são os sujeitos que constroem sua memória, eles a validam coletivamente como bem social, pois as experiências, ações e conquistas em benefício da construção da sociedade institucionalizam-na e a perpetuam" (Santos; Valentim, 2021, p. 222). Por isso, é extremamente necessário olhar para esses sujeitos, a quem chamamos servidores(as), tanto os(as) que já passaram e deixaram suas marcas, quanto os(as) que continuam trabalhando, dando suas contribuições para a construção e consolidação da história da instituição; pois eles(as) são os vetores das transformações e co-responsáveis pela constituição da memória institucional.

Sob essa perspectiva, a relevância histórica das instituições transcende a mera organização social, materializando-se na relação intrínseca entre o agir desses sujeitos e o legado deixado por eles. Tal dinamismo reflete-se na produção documental, através dos arquivos de memória passiva, que deixa de ser um mero acúmulo de papéis para se tornar o testemunho jurídico e administrativo que valida as ações humanas sob o amparo da lei. Esses arquivos:

> [...] são potenciais recursos de lembranças. Como os objetos nele armazenados perdem sua vida funcional em um presente que agora é passado, o arquivo lhes dá a chance de obterem uma segunda vida ou de prolongarem aquela anterior. O arquivo seria, portanto, o dispositivo que permite a seus objetos se situarem na fronteira entre o esquecimento e a lembrança e, por este motivo, os objetos ali guardados têm a chance de serem destruídos ou achados (Dobedei, 2016, p. 233).

Consequentemente, os lugares de memória emergem como repositórios desses vestígios, onde os elementos preservados permitem não apenas extrair dados, mas remontar a própria trajetória coletiva e o impacto geracional daqueles que construíram a identidade institucional.

Nesse contexto, é relevante evocar o conceito de “lugares de memória", apresentado pelo historiador Pierre Nora (1993). Esses espaços seriam, portanto, lugares materializados nos quais a memória coletiva e social se firma, considerando especialmente o momento contemporâneo, no qual as tradições e a oralidade têm sido deslegitimadas.

Assim, bibliotecas compreendem verdadeiros lugares de memória, que não apenas guardam informações; e configuram-se enquanto importantes para as suas instituições mantenedoras, uma vez que reúnem, conservam e tornam acessíveis, documentos e objetos históricos, além de relatos sobre sua contribuição social e dos seus membros. Essa dinâmica possibilita que haja uma consistente recuperação da memória e contribui, de certa maneira, para a consolidação de identidades individuais e coletivas, e, por conseguinte, para a solidificação de uma identidade institucional.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão apresenta como qualitativa (Chizzotti, 2000) e descritiva (Gil, 2002). Entre os instrumentos de coleta de dados, destacamos: entrevistas semiestruturadas e observação direta (Lüdke; André, 1986); que produziram dados a serem analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, de Laurence Bardin (1977).

Ao passo que entendemos os objetivos deste trabalho e as interrelações que se estabelecem, situamos o campo de pesquisa; composto pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), através de seu Sistema de Bibliotecas (SISBI-UEFS), abrangendo a Biblioteca Central, que abriga o Memorial em homenagem à Bibliotecária Julieta Carteado Monteiro Lopes. A reciprocidade entre a instituição e a Bibliotecária se constitui, indubitavelmente, ao considerarmos que a história de vida de Julieta Carteado é atravessada por essa instituição, e vice-versa. Localizada na Bahia, no território de identidade Portal do Sertão, a UEFS nasceu como resultado de uma estratégia governamental com o objetivo de interiorizar a educação superior no Estado. Em 1968, o governo baiano dá forma ao processo de interiorização que teve início com a instalação de Faculdades de Formação de Professores nas principais cidades do interior, sedes das regiões administrativas do Estado, inclusive Feira de Santana, contemplada, neste ano, com uma Faculdade de Educação; que se transforma, em 1970, na Fundação Universidade de Feira de Santana (FUFS).

A Biblioteca Central foi criada como órgão suplementar da então Fundação Universidade de Feira de Santana, em 1976, e funcionou em local adaptado por 10 anos. Apenas em 1986, mudou-se para prédio próprio, onde funciona até hoje. Em 1994, passa a se chamar Biblioteca Central Julieta Carteado (BCJC), em homenagem póstuma à sua primeira diretora, a Bibliotecária Julieta Carteado Monteiro Lopes, que respondeu pelo cargo durante 12 anos, desde sua inauguração em 1976 até 1988. Falecida em 1994, teve a nomeação da biblioteca nesse mesmo ano, e a instalação de um busto, em 2002. Anos depois, em 31 de julho de 2019, um memorial foi inaugurado, em sua homenagem, no interior da Biblioteca Central, compondo um conjunto de atos importantes em sua memória.

Para compor os sujeitos da pesquisa, as pessoas entrevistadas, selecionamos 3 bibliotecárias do SISBI-UEFS, de 3 gerações diferentes, que estiveram na gestão, que vivenciaram momentos distintos, sejam com Julieta Carteado em vida ou após seu falecimento; ingressaram na UEFS em décadas subsequentes (entre 1980 e 2010); e tiveram oportunidade de evidenciar como o legado de Julieta se refletiu nesse período. A primeira é a Bibliotecária Rejane Maria Rosa Ribeiro, contemporânea de Julieta Carteado, que teve o privilégio de trabalhar ao seu lado entre os anos de 1985 e 1994; A segunda entrevistada é a Bibliotecária Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira, que compõe uma geração posterior à da Bibliotecária Julieta Carteado, preocupada com a memória, e com desejo de prestar mais uma

homenagem à Julieta Carteado, idealizou a construção do Memorial, investindo esforços para torná-lo realidade em seu último ano de gestão; A terceira entrevistada é a Bibliotecária Clemilda Santana dos Reis de Jesus, integrante de uma das últimas gerações de bibliotecárias(os) ingressantes na UEFS, segunda bibliotecária negra a assumir a direção do Sistema de Bibliotecas.

A coleta de se deu por meio de entrevistas semiestruturadas. Para analisar os dados coletados foi utilizado o método da Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1977), uma metodologia de investigação que permite sistematizar e interpretar dados por meio de técnicas de categorização, inferência e validação. O método estrutura-se em etapas importantes que compreendem a análise e exploração do material, o tratamento dos resultados e a sua interpretação (Bardin, 1977). Nesse sentido, com essa análise é possível a captação de nuances contextuais também a partir de elementos significantes, que podem ser codificados em unidades de significado.

A Análise de Conteúdo é particularmente útil em pesquisas qualitativas que utilizam métodos biográficos, observação direta, relatos de experiência e entrevistas, pois possibilita uma análise rigorosa de narrativas pessoais, discursos e experiências subjetivas. Em estudos que envolvem histórias de vida, esse tipo de análise pode ser empregada para sistematizar as narrativas, tornando-se possível identificar temas recorrentes e organizá-los em categorias analíticas. No momento da transcrição, ocorreu a identificação de eixos temáticos para, na categorização, agrupar trechos similares, relacionando-os a conceitos teóricos utilizados no referencial, detalhados na seção a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem foi Julieta Carteado? Saber quem foi, conhecer a sua trajetória, trazer à tona sua história, ouvir as narrativas e registrá-las, geram a possibilidade de eternizá-las. E esse movimento permite não somente informar sobre sua existência, mas também recuperar suas memórias e solidificar seu legado artístico, profissional e de vida. Nesta seção buscamos atender o objetivo da pesquisa, ao apresentar os resultados coletados para as análises das 3 entrevistas realizadas que, após tratamento e contextualização, seguindo a orientação de um quadro de análise, criado exatamente com o propósito direcionar a interpretação e ordenar o fio narrativo-descritivo. Todas essas informações, reunidas, possibilitaram compreender a proposta de investigação e conformar um resultado robusto e crível.

As entrevistas ocorreram todas no espaço da Biblioteca Central, individualmente, em três datas distintas: (1) Rejane Maria Rosa Ribeiro, dia 24 de abril de 2025, às 14:13 , com duração de 27’23”; (2) Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira, dia 25 de abril de 2025, às 16:43 , com duração de 20’; e (3) Clemilda Santana dos Reis de Jesus, dia 29 de abril de 2025, às 18:14, com duração de 33’41”.

O roteiro da entrevista semiestruturada foi apresentado antes dos encontros, que ocorreram reservadamente com cada uma das entrevistadas. Foram 09 questões que versavam sobre diversos aspectos relacionados à Julieta Carteado e sua trajetória profissional, essencialmente, ordenadas de (a) a (i); além de uma introdução com dados pessoais para auto apresentação de cada uma das entrevistadas. Essa ação atendeu ao pedido delas, que gostariam de saber quais temas seriam tratados e qual a sequência de perguntas. As entrevistas servem, nesta investigação, para verificar a contribuição, impactos e representação do Sistema de Bibliotecas da UEFS, da identidade institucional e da Bibliotecária Julieta Carteado, respectivamente. É importante salientar que as entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento que autorizou a utilização das suas falas na pesquisa, assim como o seu nome e a divulgação dos resultados decorrentes.

As transcrições ocorreram com uso de plataforma online específica para tal ação, chamada Sonix[1], que permitiu otimizar o tempo de transcrição, uma vez que foi necessário apenas ajustes em alguns trechos e palavras equivocadas, provavelmente por compreensão inexata das falas pela plataforma. Após esse processo, as entrevistas foram ouvidas novamente para indicação temática das respostas às perguntas, e, a partir da leitura e pré-análise foi possível construir 4 (quatro) categorias centrais para análise dos conteúdos coletados, observados a partir do quadro (Vide Quadro 1) , a seguir:

[1] Disponível em: https://sonix.ai/.

Quadro 1 - Percurso para desenvolvimento da análise das entrevistas

Eixos Discursivos	Questões Transversais	Entrevistada	Respostas Relacionadas
O trabalho na Universidade	1. Importância do trabalho de Julieta Carteado na construção da Instituição; 2. Destaque da sua atuação na Universidade; 3. Ética no cotidiano e no serviço bibliotecário.	Rejane Maria Rosa Ribeiro	a, c, d, e, f, g
		Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira	b, c, d, h, i
		Clemilda Santana dos Reis de Jesus	c, d, e, i
A Biblioteca, a Bibliotecária e a Biblioteconomia	1. Vínculos, valores e protagonismo bibliotecário como forma de herança institucional; 2. Visão ampliada e reconhecimento do trabalho bibliotecário para elevação do patamar da biblioteca; 3. Arte, literatura e leitura: vetores do pioneirismo na extensão e ação cultural bibliotecária na UEFS.	Rejane Maria Rosa Ribeiro	a, b, d, e, f, g, h, i
		Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira	a, b, c, d, e, f, h, i
		Clemilda Santana dos Reis de Jesus	a, b, d, e
O Memorial Julieta Carteado Monteiro Lopes	1. Homenagem e visibilidade da sua trajetória; 2. Ato de reconhecimento da sua importância para a UEFS; 3. Marca e legado para a Memória Institucional.	Rejane Maria Rosa Ribeiro	g
		Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira	g
		Clemilda Santana dos Reis de Jesus	g, i
Reflexões sobre a negritude	1. Pioneirismo profissional de Julieta Carteado; 2. Dificuldades no seu percurso pela condição de mulher negra; 3. Símbolo de resistência, resiliência e representatividade.	Rejane Maria Rosa Ribeiro	c, g, h
		Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira	b, d, h
		Clemilda Santana dos Reis de Jesus	f, h

Fonte: elaboração própria (2025).

Assim, a análise foi estruturada em quatro eixos discursivos que exploram a simbiose entre a trajetória individual de Julieta Carteado e a consolidação da identidade e fortalecimento da memória da instituição.

A categoria "**O trabalho na Universidade**" foi criada com o propósito de evidenciar a atuação de Julieta Carteado na UEFS, destacando a importância do seu trabalho de Julieta Carteado na construção da Instituição. Julieta foi a primeira diretora da Biblioteca Central, cargo que exerceu por 12 anos (1976-1988), sendo responsável por planejar e projetar a estrutura que a biblioteca possui até hoje. Os achados revelam que Julieta Carteado foi figura central no "embrião" da UEFS, vinculando o nascimento da biblioteca ao próprio surgimento da universidade.

> Então, [...] a Universidade nasce. A biblioteca nasce junto. E [...] a trajetória profissional de Julieta começa com essa história. [...] Se a Biblioteca nasce junto com uma instituição que [surge] trazendo o ensino superior pro interior, [nós vemos] [...] Julieta fazendo parte desse processo [...] O legado que a Universidade tem é parte também desse trabalho que Julieta fez lá nesse embrião [...] (Jesus, 2025, resposta c).

Um ponto de alta densidade teórica reside no fato de Julieta ter transcendido as barreiras técnicas da Biblioteconomia, integrando o *staff* administrativo superior e participando da implantação de conselhos estratégicos como o CONSEPE e o CONSU. Segundo os relatos, essa atuação elevou o status da biblioteca, transformando-a de um setor acessório em um centro estratégico de informação com autonomia decisória

> [...] quem dirigia a universidade na época era uma equipe de homens. [...] Era [...] uma instituição masculina [...] e de brancos. Julieta mulher e negra. Mas era tão culta que [...] estava no mesmo nível. E é assim que ela foi considerada pelo Reitor da época. Tanto é que ele convidou Julieta, o segundo Reitor, a fazer parte da equipe que implantou os dois grandes conselhos: o CONSEPE e o CONSU . [...] ela extrapolou as paredes da Biblioteca. Julieta fazia parte da Administração, do staff da Universidade (Ribeiro, 2025, resposta c).

A categoria "**A Biblioteca, a Bibliotecária e a Biblioteconomia**", busca, através das respostas das entrevistadas, evidenciar, principalmente, a questão dos vínculos, dos valores e do protagonismo bibliotecário como forma de herança institucional, considerando a trajetória de Julieta Carteado e sua visão ampliada em relação ao trabalho na Biblioteca.

Uma de suas maiores marcas foi a visão de uma **"biblioteca de portas abertas"**. Julieta rompeu com o modelo tradicional ao integrar arte, literatura e ações culturais no cotidiano bibliotecário, realizando concursos literários, exposições artísticas e mostras folclóricas. Essa postura foi vanguardista para a época, estabelecendo a extensão universitária como um pilar

da biblioteca e aproximando a instituição da comunidade externa, para além dos muros acadêmicos.

> [...] Julieta foi uma profissional além do seu tempo. Ela não foi a profissional que muitas vezes é caracterizada como [a] bibliotecária que fica ali, sentada numa mesa, quietinha, só fazendo ficha. [...] Ela participou de muitos movimentos, [...] mostrou a cara, [e] levava [consigo] a profissional que ela era. [...] ela atuou na arte, na literatura [e] fez movimentos importantes dentro da Biblioteca (Ferreira, 2025, resposta i).
>
> [...] A preocupação com a cultura, a cultura erudita e a cultura popular [...] A preocupação com a educação patrimonial. É coisa que a gente ouve hoje. A educação patrimonial é recente, é da década de 90 pra cá. [Mas] Julieta já pensava nisso. A gente não tinha um nome, mas era feito dentro dessa biblioteca. Já era feito, já tinha essa preocupação de educação patrimonial; de que a cultura fosse passada (Ribeiro, 2025, resposta d).
>
> A biblioteca sempre [esteve] com suas portas abertas. A atuação da biblioteca não [estava] entre muros [...] [Mas] isso, graças a Julieta, que tinha um bom contato, que não se fechava e que nunca fechou as portas da Biblioteca. [...] [Ao contrário, ela] abria as portas à comunidade (Ribeiro, 2025, resposta g).

Este legado estimulou a criação e gerou o Memorial Julieta Carteado Monteiro Lopes, que se apresenta enquanto uma justa homenagem, um reconhecimento, mesmo que tardio, da importância dessa mulher negra, bibliotecária, gestora pública e líder nata, com o propósito de dar visibilidade à sua trajetória, para que dela nunca nos esqueçamos. Para tratar do assunto Memorial, criamos a categoria "**O Memorial Julieta Carteado Monteiro Lopes**" com o propósito de perceber como esta homenagem concede visibilidade ao trabalho de Julieta na Universidade; além de validar o ato de sua criação e verificar a representatividade e reconhecimento da sua importância para a UEFS; e para verificar se o memorial é visto como uma marca de legado para a Memória Institucional na Universidade.

O Memorial Julieta Carteado Monteiro Lopes é validado como um "lugar de memória" que rompe com o apagamento histórico. As entrevistas indicam que, antes do memorial, Julieta era apenas um "nome na fachada"; o espaço físico e a reunião de vestígios materiais (objetos, fotos, documentos) permitiram dar um rosto e uma narrativa à história, consolidando a identidade institucional. O memorial atua, portanto, como um dispositivo pedagógico que conecta passado, presente e futuro.

> Muita gente não conhecia. Muita gente não entendia aquele busto lá fora. De quem é esse busto? Quem foi Julieta? Então, [o Memorial] deu uma visibilidade pra trajetória de Julieta. Muita gente desconhecia [essa] trajetória. [...] [Agora] a gente vê que Julieta tem uma história. E aí a gente fala: Mulher! Sim! Mulher! No século passado, e negra. E ela conseguiu desempenhar um bom trabalho e escrever uma história (Ribeiro, 2025, resposta g).

> Mostrar [para a] comunidade, [para a] Universidade, para as instituições, o legado de Julieta, que [está] marcado no Memorial. [...] Quem adentra ao Memorial [...] Julieta Carteado Monteiro Lopes, tem a ideia do que foi a trajetória dessa mulher tão importante [para a] Universidade. E o Memorial também vem com essa responsabilidade de [...] mostrar às pessoas que a gente precisa preservar a memória, a memória institucional, [...] e também mostrar que é responsabilidade das instituições a preservação [...] dos [seus} acervos de memória (Ferreira, 2025, resposta g).

E por fim, a última categoria "**Reflexões sobre a negritude**" foi possível pensar como situações desta natureza corroboram para que afirmemos o pioneirismo profissional de Julieta Carteado, uma mulher negra em um cargo de chefia numa instituição pública nos anos 1970 e 1980. E, ainda, suscita um debate que envolve teorias contemporâneas como Lugar de Fala, Empoderamento, Interseccionalidade e Racismo Estrutural, que, apesar de não serem objeto deste estudo, não poderiam deixar de ser, ao menos, mencionadas.

Ana Míria Carinhanha (2017, p. 54), em seu artigo intitulado "Literatura, feminismo e negritude", levanta alguns questionamentos que nos possibilita intuir sobre a vivência de Julieta Carteado, àqueles anos, imersa em universos majoritariamente masculinos, o serviço público e o cenário literário e artístico. A autora aborda a questão da estereotipia social que somada ao fortalecimento de mitos que pregam uma inferioridade feminina, inclusive no plano intelectual, atribuía (e ainda atribui) "à mulher a "vocação" aos espaços privados, à fragilidade, à irracionalidade e à coadjuvância em sua própria existência". Ainda sobre esse tema, ela expõe que ainda são recorrentes as "situações que delineiam uma hierarquia entre os gêneros na qual o estranhamento pela recusa se dá quando mulheres ocupam espaços de poder e as funções de protagonismo".

Com sua presença altiva nestes ambientes majoritariamente brancos e masculinos, Julieta tornou-se um símbolo de resistência e representatividade para a Biblioteconomia Negra, influenciando a identidade institucional da UEFS como um espaço de diversidade e luta contra desigualdades. A frase de Clemilda de Jesus sintetiza as implicações para a área:

> Eu costumo dizer: [...] **Eu estou porque Julieta foi**. [...] Não tem como não pensar nessa questão [...] da atuação de Julieta como bibliotecária nos alcançar em nossos dias. Eu ingressei na universidade em 2004, e não tinha noção do que era esse universo de ser bibliotecário. Eu entendia o que [...] é vendido normalmente na sociedade, que é alguém que vai trabalhar na biblioteca. [...] [Há um] impacto da trajetória de Julieta, [...] [pois] o trabalho que ela fez, que ela iniciou, [...] alcançou uma estudante de Biblioteconomia que se formou lá em 2009, e que chegou aqui na Universidade, em 2013, com o olhar ainda limitado do que seria, [...] o fazer bibliotecário. Mas que, [...] ao chegar aqui, foi descortinando [...] um mundo [...] [que] não imaginava. E, principalmente, o fato de Julieta ter sido bibliotecária, negra, [...] [acabou] tocando, atravessando as nossas histórias [...] Ela tem em sua trajetória

> os desafios que [...] enfrentou por ser pioneira, por ser mulher negra. Então, [...] [é importante salientar que] o fazer bibliotecário de Julieta não impactou só o legado [...] na instituição [...] (Jesus, 2025, resposta f, grifo nosso).

Maria do Carmo também pontua as prováveis dificuldades encontradas no percurso pela condição de mulher negra.

> Acredito que não tenha sido fácil o início, nem o decorrer do tempo em que ela esteve aqui [na Biblioteca]. [...] [Se] hoje a gente já vê uma dificuldade da mulher ascender em cargos de chefia, [...] [imagine] Julieta sendo uma mulher negra na década de 70, [assumindo] um cargo [desse tipo?]. Então, acredito que houve muita dedicação, persistência, [e] resistência dela [...] (Ferreira, 2025, resposta b).

Maria do Carmo ressalta a época, década de 1970, as características que definem Julieta Carteado, e a sua condição de chefe, e crê que Julieta deve ter "aberto portas difíceis" (Ferreira, 2025, resposta d). Aberturas que correspondem a conquistas coletivas, e são atos de resistência, resiliência e representatividade, que ressoam até os dias de hoje; pois é a permanência, a existência, resistência das pessoas negras nesses lugares, nos espaços de poder, que possibilitam a ruptura dos padrões impostos pela sociedade.

A seguir, apresentamos o quadro 2, com uma síntese sobre o papel da Bibliotecária Julieta Carteado na Identidade Institucional da UEFS e do Sistema de Bibliotecas:

Quadro 2 - Papel da Bibliotecária Julieta Carteado na Identidade Institucional do Sistema de Bibliotecas da UEFS e da universidade

Dimensão de Atuação	Papel e Responsabilidades	Contribuição para Identidade Institucional	Viés da Práxis Biblioteconômica	Perspectiva Administrativa e de Gestão	Impacto e Representatividade (Inferred)
Trabalho na Universidade	Primeira servidora concursada e diretora da Biblioteca Central por 12 anos; responsável pelo planejamento e projeção da estrutura física e organizacional.	Atuou como figura central no "embrião" da UEFS, vinculando o nascimento da biblioteca ao surgimento da universidade e participando da implantação dos conselhos superiores (CONSEPE e CONSU).	Organização técnica inicial desde a fundação da FUFS, desenvolvimento de políticas de serviços e ética no cotidiano do atendimento especializado.	Integração estratégica ao staff da universidade (DAS-4), exercendo liderança administrativa e influenciando decisões institucionais de alto nível.	Símbolo de autoridade que legitimou a presença da mulher no alto escalão e elevou a biblioteca de setor acessório a centro estratégico.
Biblioteca / Biblioteconomia	Liderança de uma "biblioteca de portas abertas", dedicada à organização, disseminação da informação e rompimento de modelos tradicionais de isolamento.	Elevou o status da biblioteca como centro essencial para o ensino, pesquisa e extensão, aproximando a universidade da comunidade externa.	Pioneirismo na extensão cultural (concursos literários, mostras folclóricas e exposições artísticas) e rigor na organização técnica de acervos.	Gestão de equipes focada na valorização dos servidores, defesa da autonomia bibliotecária e integração entre cultura popular e missão acadêmica.	Referência de ética e competência que humanizou o bibliotecário como agente cultural e social para gerações posteriores.
Memorial	Criação de um espaço físico para reunião de vestígios materiais e narrativa histórica, resgatando o legado da fundadora.	Consolidação da memória institucional através de um "lugar de memória" que humaniza o nome da fachada e combate o apagamento histórico.	Preservação ativa e curadoria de vestígios materiais e simbólicos (quadros, poemas, objetos) como responsabilidade técnica.	Gestão do patrimônio cultural para validar o reconhecimento tardio e garantir a visibilidade do legado para futuras gerações.	Dispositivo pedagógico e simbólico que conecta a trajetória da fundadora à identidade e ao reconhecimento dos novos servidores.
Negritude	Representação pioneira como mulher negra em cargos de chefia no serviço público durante as décadas de 1970 e 1980.	Afirmação da instituição como espaço de diversidade e resistência contra o racismo estrutural e desigualdades de gênero.	Desenvolvimento de uma Biblioteconomia Negra que atravessa histórias e inspira novos profissionais negros na área.	Exercício de liderança altiva e persistente em ambientes administrativos majoritariamente brancos e masculinos.	Símbolo de resiliência e ancestralidade que permite a ocupação de espaços de poder por sucessoras negras ("Eu estou porque Julieta foi").

Fonte: elaboração própria (2026) baseado nos dados da pesquisa sintetizados com auxílio do Notebook Gemini.

As entrevistas com Rejane, Maria do Carmo e Clemilda revelaram a profunda importância de Julieta Carteado para a UEFS, não apenas como bibliotecária dedicada e ética, mas como uma figura central na construção da identidade institucional. Sua atuação exemplar no cotidiano da biblioteca, aliada a uma visão ampliada da Biblioteconomia, elevou o papel da biblioteca universitária, integrando arte, literatura e extensão cultural como marcas de seu

pioneirismo. O Memorial em sua homenagem surge, assim, como um ato de justiça histórica, conferindo visibilidade à sua trajetória e consolidando seu legado na Memória Institucional.

Além disso, sua condição de mulher negra em um espaço acadêmico majoritariamente branco reforça seu simbolismo como figura de resistência e representatividade, destacando as barreiras que enfrentou e superou. Sua história não apenas inspira, mas também convida à reflexão sobre o lugar da negritude e do protagonismo feminino na construção das instituições de ensino. Em suma, Julieta Carteado não apenas organizou o acervo da UEFS; ela teceu a própria essência do Sistema de Bibliotecas, garantindo que a memória da instituição fosse construída sobre bases de rigor técnico, sensibilidade artística e compromisso social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperar trajetórias notáveis de pessoas historicamente invisibilizadas é um dever da nossa geração. Trazer à tona o legado de uma Bibliotecária como Julieta Carteado, com sua história impecável, sua ancestralidade negra, é obrigação. Evitar o apagamento e o esquecimento é extremamente importante em uma sociedade que vive a efemeridade das redes sociais e a tragédia da desinformação. A Ciência da Informação e a Biblioteconomia compreende esse movimento de volta, de busca, de recuperação, de validação e disseminação de histórias emblemáticas, que permitem-nos inspirar-nos, espelhar-nos, e valorizarmos quem abriu os caminhos e fez história.

Não podemos deixar de lutar por esse movimento, de conscientizar as pessoas da importância da memória para validação das nossas identidades, somos os reflexos das lutas dos que vieram antes de nós. No caso específico de Julieta Carteado, uma mulher negra, somos responsáveis por evocar a sua história e apresentá-la com as honras que merece. É uma atitude responsável, respeitosa e de valorização de uma narrativa que estava à beira do esquecimento. Vincular o nome Julieta Carteado à sua história de liderança, de pioneirismo, de destaque, tornar isso concreto através do Memorial e desdobrar essa realização através deste trabalho monográfico, permite-nos reconhecer a sua grandiosidade e importância, antes resumida a um nome na fachada da Biblioteca e um busto.

Diante dessas constatações, conclui-se que o Memorial Julieta Carteado Monteiro Lopes cumpre um papel duplo: enquanto dispositivo de preservação da memória institucional, ele garante que a contribuição de Julieta não seja esquecida; e enquanto ferramenta de

representação e identidade, ele desafia a instituição a refletir sobre suas próprias narrativas, destacando a importância da diversidade e do reconhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARINHANHA, Ana Míria dos Santos Carvalho; QUEIROZ, Milena Britto de; VIEIRA, Nancy Rita Ferreira. Literatura, feminismo e negritude: a escrita de Mel Adún como um ato de (r)existência e liberdade. *In*: VIEIRA, Nancy Rita Ferreira; QUEIROZ, Milena Britto de (org.). **Mulheres em cena**: literatura e imagem. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 53-74. Disponível em: https://edufba.ufba.br/livros-publicados/catalogo/mulheres-em-cena-literatura-e-imagem. Acesso em: 31 out. 2026.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. Disponível em: http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025. ⚠

DODEBEI, Vera. Ensaio sobre memória e informação. *In*: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (org.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. (Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social, v. 9, n. 15, edição especial). Disponível em: https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475/4929. Acesso em: 10 set. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. *In*: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (org.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. (Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social, v. 9, n. 15, edição especial). Disponível em: https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475/4929. Acesso em: 10 set. 2026.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Ludke_Andre-Pesquisa_Educaca_abordagens_qualitativas.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. Memória e experiência vivida: a domesticação do tempo na história. **Antíteses**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 17-30, jan./jun. 2008. DOI: 10.5433/1984-3356.2008v1n2p17. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1425. Acesso em: 25 jun. 2025.

MURGUIA, Eduardo Ismael. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. *In*: MURGUIA, Eduardo Ismael (org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 11-32.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 20 abr. 2025.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. *In*: MURGUIA, Eduardo Ismael (org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 33-44.

SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 208-235, 2021. DOI: 10.1590/1981-5344/4315. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/36235. Acesso em: 31 out. 2026.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.